



PSEUDOCIESE EM PACIENTE CANINO – RELATO DE CASO

Christian dos Santos Dalenogare¹, João Pedro Soliani Angst¹, Luana Caroline Becker Schuh¹,
Rúbia Schallenberger da Silva¹, Katyline henrich¹, Heloísa Palma²

Palavras-chave: Gravidez psicológica. Gestação. Galactorreia. Pseudociese.

1 INTRODUÇÃO

A pseudociese ou pseudogestação trata-se de um conjunto de alterações comportamentais e fisiológicas em cadelas não gestantes e não castradas. Gobello et al. (2001) citam que após seis a 12 semanas da ocorrência do estro, sinais comportamentais das fases pré, peri e pós-parto são observados, uma vez que uma queda nos níveis de progesterona associado a um aumento da prolactina são os fatores que predis põem as cadelas a apresentarem pseudociese (SINGH et al., 2018). Segundo Harvey et al. (1997), as cadelas possuem uma pseudociese fisiológica, porém poucas apresentam sinais clínicos. Os sinais clínicos comportamentais são: formação de “ninho”, adoção de objetos inanimados ou de filhotes de outras fêmeas, distensão mamária com produção e secreção láctea. Com menos frequência pode ocorrer êmese, distensões e contrações abdominais.

O diagnóstico baseia-se na história clínica, sinais comportamentais e na fase do ciclo estral que a fêmea se encontra e a única solução para a prevenção da pseudociese nas cadelas é a ovariectomia (SINGH et al., 2018). Devido à alta taxa de ocorrência desta patologia na clínica de pequenos animais, o objetivo deste trabalho é descrever os achados clínicos e manejo terapêutico de uma cadela atendida com pseudociese.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Uma fêmea canina da raça Dachsund de dois anos pesando 7,5kg foi atendida no Hospital Veterinário da Universidade de Cruz Alta. De acordo com a tutora a quatro meses que antecederam o quadro clínico em questão a paciente apresentou sinais de cio, porém relata que a mesma não havia tido contato com outros cães durante esse tempo. Cerca de três

¹ Discentes do curso de Medicina Veterinária, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: christian.dalenogare@gmail.com, joao_angst@hotmail.com, luanacbs191@gmail.com, ruschale@gmail.com, katty.henrich@live.com

² Docente e Patologista Veterinária da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: hpalma@unicruz.edu.br



semanas antes da consulta, a cadela apresentava aumento de volume das mamas com presença de galactorreia visualizada pela tutora, e com o passar dos dias teve aumento significativo da produção de leite.

Ao exame clínico a paciente apresentava-se com padrões fisiológicos sem alterações e bom estado geral, na palpação evidenciou-se o aumento das mamas com saída de leite quando estimuladas. Baseando-se nos achados clínicos e no histórico de anamnese, ficou evidente que se tratava de um quadro de pseudociese.

Para o tratamento da doença em questão optou-se pelo uso de metergolina na dose de 0,1mg/kg a cada 12 horas, por via oral, durante oito dias. Segundo a tutora, a paciente apresentou resposta satisfatória com o tratamento recomendado, não apresentando mais galactorreia e nem alteração de volume mamário.

3 DISCUSSÕES

A pseudociese pode ser compreendida por teoria que explica ser uma característica evolutiva herdada dos cães primitivos que caçavam em grupos, assim a matilha permitia que a fêmea dominante fosse caçar e outras fêmeas do grupo amamentassem seus filhotes (HARVEY, 1998).

A etiopatogenia da pseudociese ainda não está completamente esclarecida, mas de seis a 12 semanas após a observação do estro, sinais comportamentais das fases pré, peri e pós-parto são observados. Nesta fase relata-se que há exposição e declínio da progesterona plasmática, alta concentrações de prolactina plasmática, aumento da sensibilidade tecidual à prolactina ou existência de variantes moleculares da prolactina com bioatividades variadas (Gobello et al., 2001a; ROOT et al., 2018). Na cadela deste relato houve a ocorrência de estro, porém com a pseudociese ocorrendo em um período um pouco maior do que o relatado na literatura, uma vez que a paciente havia entrado no cio há mais que três meses, segundo a tutora.

Esta doença trata-se de uma síndrome fisiológica, caracterizada por sinais clínicos como nidificação, ganho de peso, aumento mamário, lactação e comportamento materno, que aparecem em cadelas não grávidas ao final do diestro (GOBELLO et al., 2001b). Root et al., em 2018, publicaram um estudo feito no Reino Unido relatando os achados clínicos mais frequentes em cadelas com pseudociese. O sinal clínico mais relatado de pseudociese foi aumento das glândulas mamárias e/ou produção de leite, seguido de perda de apetite. Os proprietários raramente relatavam ganho de peso ou vômito. O sinal comportamental mais



frequentemente observado foi coletar e criar objetos maternos, seguidos pelo comportamento de aninhamento. 97% dos veterinários entrevistados indicaram ter visto agressão materna nas cadelas, em menor ou maior grau.

Os achados do caso aqui relatado são bem compatíveis com os dados de literatura, visto que a paciente apresentava aumento de volume das glândulas mamárias e de produção de leite, ambos compatíveis com os mais observados por Root et al. (2018). Não houve, entretanto, alteração comportamental.

O diagnóstico de pseudociese é baseado na presença dos sinais clínicos acima descritos. Como acasalamentos não programados podem ser negligenciados pelos proprietários, a prenhez deve sempre ser considerada, pois tanto a gravidez tardia quanto a pseudociese apresentam comportamento materno. Em caso de dúvida, a suspeita de prenhez pode ser descartada por palpação abdominal, ultrassonografia ou radiografia tardiamente no diestro, quando os sinais de pseudociese começam (GOBELLO et al., 2001b; SINGH et al., 2018). Não havia relato da cadela deste caso ter entrado em contato com um macho, pois a mesma ficava presa em casa, sem acesso a outros cães.

Mialot et al. (1984) citam que trata-se de uma condição autolimitante, podendo assim ocorrer remissão dos sinais sem intervenção médica, porém ainda fica a possibilidade de tratamento conservativo, com colar elizabetano para que não aconteça a auto-estimulação da glândula mamária, por lambeduras ou própria sucção do animal. Singh et al. (2018) relatam que se as terapias conservadoras não responderem e a lactação persistir, pode ser considerada uma terapia medicamentosa com esteróides sexuais e agonista da dopamina (inibidores da prolactina).

Os esteroides sexuais (estrogênios, progestógenos e andrógenos) têm sido tradicionalmente usados para tratar a pseudociese, mas os efeitos colaterais geralmente superam os benefícios desses medicamentos. A inibição da secreção de prolactina por derivados do ergot levou a um avanço importante no tratamento desta doença. Embora alguns desses derivados do ergot apresentem alguns efeitos colaterais indesejáveis, eles são transitórios e geralmente podem ser gerenciados (GOBELLO et al., 2001b).

O tratamento da cadela foi realizado com metergolina, na dose 0,1mg/kg a cada 12 horas, por via oral, durante cinco dias. Este medicamento tem ação dopaminérgica, pois é um antagonista de serotonina, tem efeito antiprolactíneo, e, devido a meia vida curta, não apresenta efeitos colaterais exacerbados (KUSUMA e TAINURIER, 1993). Não foi observado nenhum efeito colateral com o uso da metergolina na cadela deste relato, tais como agressividade e ansiedade.



A única solução permanente para a prevenção de pseudociese em cadelas é a ovariectomia, uma vez que a chance de novas ocorrências da doença após novos ciclos é grande. Sendo assim, a tutora foi informada das chances de recidivas e ficou indicada a realização de castração, porém a mesma optou por tratamento farmacológico neste momento.

CONCLUSÃO

Qualquer sinal clínico que altere o quadro fisiológico normal do paciente canino deve ser acompanhado por um clínico veterinário, pois simples fatores podem desencadear patologias de difícil tratamento. A pseudociese é um quadro muito comum na clínica de pequenos animais e deve ser adequadamente manejada para que não ocorram recidivas.

REFERÊNCIAS

GOBELLO, C. et al. Canine pseudopregnancy: a review. *In: Concannon, P.W.; England, G.; Verstegen, J.; Linde-Forsberg, C. (Ed.) Recent advances in small animal reproduction.* Ithaca: International Veterinary Information Service, 2001a.

GOBELLO, C. et al. A review of canine pseudocyesis. **Reprod Dom Anim.**, v.36, p.283–288, 2001b.

HARVEY, M.A. et al. Effect and mechanism of the antiprolactin drug cabergolina on pseudopregnancy in the bitch. **J Small Anim Pract**, v.38, p.336-339, 1997.

HARVEY, M. Conditions of the non-pregnant female. *In: Simpson G, England G, Harvey M. Manual of small animal reproduction and neonatology.* Ames, IA: Iowa State University Press, Ames, Iowa, 1998. p.35-51.

MIALOT, J.P. et al. Pathologie de la mamelle. *In: Dumon, C., Fontbonne, A. (Eds.). Pathologie. de la reproduction chez les carnivores domestiques.* Alfort: Editions Le Point Vétérinaire, 1984. p.143-158.

KUSUMA, P.S.H., TAINURIER, D. Comparison of induction of oestrus in dogs using metergoline, metergoline plus human chorionic gonadotrophin, or pregnant mares' serum gonadotrophin. **J Reprod Fertil Suppl**, n.47, p.363-370, 1993.

ROOT, A. et al. Canine pseudopregnancy: an evaluation of prevalence and current treatment protocols in the UK. **BMC Veterinary Research**, v.14, n.170, 2018.

SINGH, L.K. et al. Canine pseudopregnancy and its treatment strategies. **Journal of Entomology and Zoology Studies**, v.6, n.3, p.1076-1078, 2018.